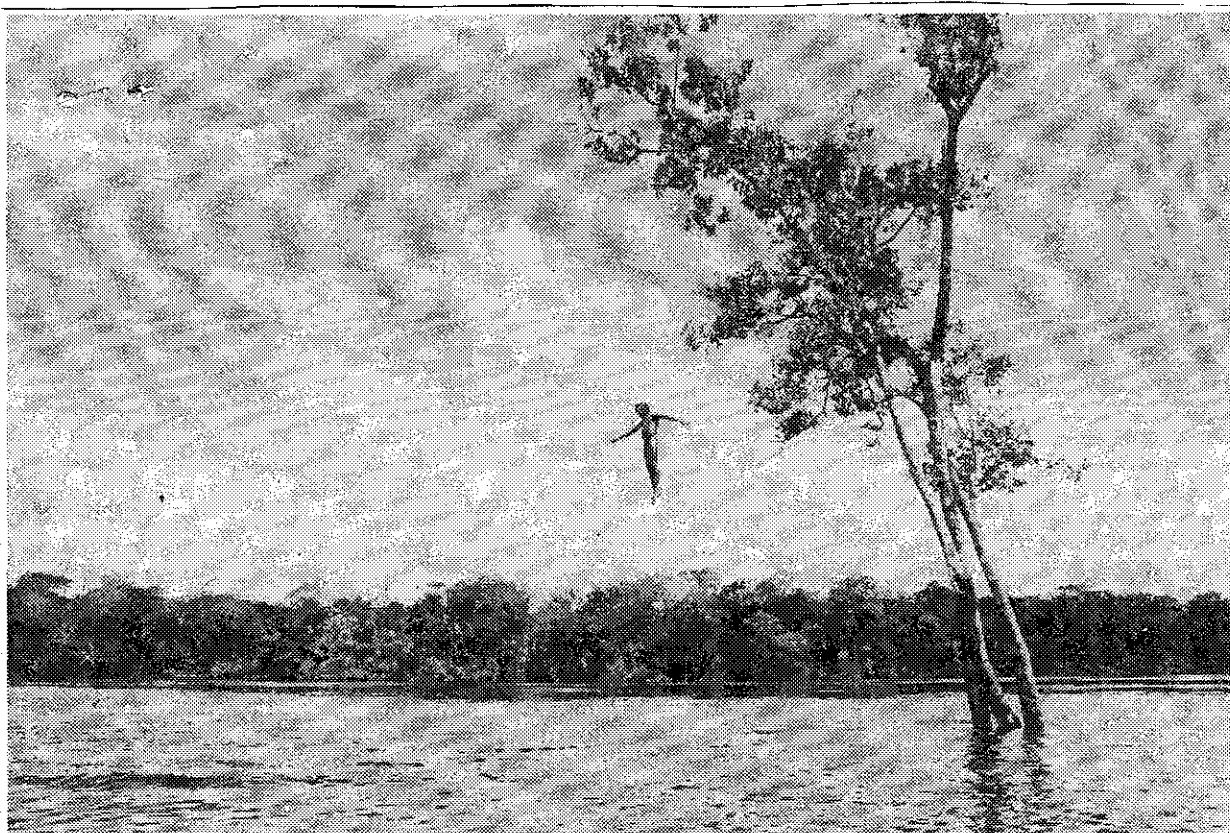


INSTITUTO	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	UESP
Data	31/11/1990 Pg 1734
Class.	173



André Dusek/AE

Mergulho

Um menino da aldeia Ricô mergulha no Rio Suiá Missu, no Parque Nacional do Xingu.

Os 3.500 índios da reserva temem que a sua tranquilidade seja agredida por garimpeiros.

Em algumas aldeias, os chefes são agora escolhidos pelo voto direto.

Última Página

QUARTA-FEIRA

O ESTADO DE S. PAULO

31 DE JANEIRO DE 1990

Democracia reúne índios do Xingu

Cacique Megaron viaja para apurar denúncias e eleger representante de posto indígena

FERNANDO GRANATO

XINGU — O avião Seneca, bimotor, voava havia quase três horas quando o cacique Megaron Txucarramãe, eleito pelos próprios índios administrador do Parque Nacional do Xingu, avisou: "Comandante, estamos sobre o banguê-banguê". Ele se referia à violenta cidade de São José do Xingu, última parada antes de chegar à reserva indígena, onde vivem hoje 3.500 índios de 16 tribos, espalhados em 23 aldeias numa área de três milhões de hectares, entre os Estados de Mato Grosso e Pará.

As nuvens estavam muito baixas em São José do Xingu e só mesmo a intuição de Megaron possibilitou o pouso. Ele tinha motivos de sobra para querer chegar logo à reserva indígena que dirige há quase seis anos: estava indo pessoalmente receber denúncias de invasões do parque por madeiras, garimpeiros e fazendeiros. Além disso, iria comandar a transferência de uma aldeia inteira contaminada pela malária, a Metuktire, dos seus irmãos caiapós, onde 460 índios estão sofrendo da doença. Megaron tinha também uma missão delicada: alertar os índios do Xingu para um grave problema — o crescente número de assassinatos de crianças recém-nascidas. Antes, em algumas tribos, havia a tradição de sacrificar um dos gêmeos recém-nascidos ou os portadores de doenças. Agora, basta a mãe não ficar contente com o sexo do filho que nasceu ou até mesmo o fato de a criança não ter um pai conhecido para que o bebê seja enterrado vivo.

Nem tudo, entretanto, eram espinhos nessa viagem de Megaron ao Xingu. Também estavam marcados compromissos agradáveis como a eleição do chefe do Posto Indígena do Diauarun, no médio Xingu. Nessa reserva existem os mesmos problemas das demais nações indígenas do Brasil — como invasões de garimpeiros ou doenças — mas pelo menos ali já está implantada a democracia e os próprios índios escolhem os representantes que vão resolver os seus problemas.

Satisfeito como isso, o grande incentivador da democracia do Xingu, Megaron Txucarramãe, aguardava o abastecimento do avião que o levaria ao parque, sentado na sala de visitas de uma das casinhas de São José do Xingu. Muitas dessas casas têm hoje em suas salas de visita as poltronas do Boeing da Varig que caiu nessa região, em setembro do ano passado. Megaron aguardava sentado em uma delas.



Índios do Xingu: sozinhos diante das invasões dos garimpeiros, madeireiros e mosquitos transmissores da malária



Limite do Parque: árvores cobijadas pelas serrarias



Mulheres caiabi dançam o iowossi: festa da democracia



Megaron: denúncias checadas

Malária esvazia aldeia Metuktire

Na aldeia Cururu, dos índios caiabis, há um casal com os cabelos raspados. Eles protestam contra a Fundação Nacional do Índio, a Funai, que se teria omitido na morte de seus dois filhos, Nuari e Tea, de malária. Segundo eles, primeiro a Funai demorou a mandar socorro e, quando mandou, orientou o avião para que os doentes fossem levados a São Félix do Araguaia e não Brasília, onde o atendimento médico é melhor.

Para evitar esse tipo de problema, Megaron Txucarramãe está comandando pessoalmente a remoção de uma aldeia inteira, a Metuktire, dos caiapós, para uma outra

área denominada Capoto, no baixo Xingu. A transferência dos 460 índios, entretanto, tem sido demorada. Eles primeiro são removidos para o Posto de Vigilância do Xingu, o Pivi, e lá ficam aguardando os aviões que passam esporadicamente para fazer, como dizem, "uma perna até Capoto". Ainda falta remover 50 índios do Pivi e mais uns 100 ainda estão na aldeia Metuktire, infestada pelo mosquito anofelino, ou mosquito-prego, transmissor da malária. A região possui muita água parada, o que propicia a proliferação do inseto.

O que mais dificulta o trabalho de remoção dos índios de Metuktire é a resistência

por parte de alguns deles. Eles relutam em deixar suas ocas já construídas para desbravar uma nova aldeia no Capoto. A Funai pouco tem feito para ajudar essa remoção e só restou o empenho pessoal de Megaron.

O administrador do Parque Nacional do Xingu tem utilizado para a remoção dos índios de Metuktire parte do dinheiro obtido com a balsa que existe entre a rodovia BR 080, que corta o parque. Ali são cobrados pelos índios 50 cruzados novos de cada pessoa que passa. A maior parte desse dinheiro, entretanto, é usada para comprar combustível para os barcos.

Há três anos, Funai não vigia limite do parque

A mata fechou e hoje não se vê mais o limite entre o Parque Nacional do Xingu e as fazendas vizinhas. Há três anos a Funai não sobrevoa a região para comprovar eventuais invasões. Mas, em terra firme os próprios índios fazem dezenas de denúncias recebidas por Megaron Txucarramãe em sua última ida ao parque. Depois de três horas de viagem de barco, entre as águas do rio Xingu e do Suia Missu, chega-se à aldeia Ricó, dos suia, onde longas histórias de invasões são contadas ao administrador do parque.

Lá o cacique Kamani, de apenas 25 anos, revela que no final do ano passado eles estranharam a água barrenta do rio, impossível de ser bebida. "Isso era sinal de que tinha garimpeiro cavando o fundo do rio e onde há garimpeiros, há também mercúrio que é usado para deixar o ouro vermelho e visível", conta Kamani. Os índios suia saíram então numa expedição com mais de 20 canoas, rio acima. Depois de oito dias de procura sem sucesso, resolveram desistir e chamar o líder Megaron Txucarramãe.

Essa não foi a única queixa que Megaron recebeu. Os crenacarores, que têm a sua aldeia mais próxima da divisa do parque — a apenas quatro quilômetros de uma fazenda —, fizeram denúncias ainda mais sérias. Eles estão próximos da cidade de Marcelândia, ao oeste do Xingu, onde 150 serrarias estão instaladas à beira do rio. Segundo eles, madeireiros vizinhos, como um conhecido apenas por Nêgão, já estão desmatando as árvores do parque. A Fazenda Jerinã, também a oeste do Xingu, é outra, segundo os crenacarores, que está desmatando área indígena.

Megaron recebeu também uma denúncia contra a Fazenda Jerônimo, próxima a São José do Xingu, onde o gado já teria invadido área indígena para pastagem. Na região do baixo Xingu, segundo denúncia dos caiapós da aldeia Metuktire, há um garimpo que despeja mercúrio no Rio Preto e contamina a água consumida pelos índios. A maior denúncia, contudo, ficou por parte dos suia: eles acusam as fazendas Santo Antônio e Santa Rosa de estarem espremeando sua aldeia às margens do Rio Suia Missu. Segundo os suia, a intranquilidade é tanta que eles não puderam nem aproveitar a tradicional festa de Yamarecumã, no final do ano, onde apenas as mulheres dançam — em homenagem à mulher guerreira — e agredem os homens que chegam perto para ver.

Tradição permite matar filhos

Na aldeia Ricó, dos suia, o jovem cacique Kamani exibe no colo seus dois filhos gêmeos, Tetogogati e Teblati, de quatro anos. Orgulhoso, ele diz que inovou no Xingu e resolveu não sacrificar um dos gêmeos quando nasceram, uma tradição até então mantida a ferro e fogo pelos índios. Eles costumavam enterrar vivo um dos recém-nascidos gêmeos e as crianças que nasciam com doenças congênitas. Nos últimos anos, entretanto, a tradição se ampliou e muitas mães têm sacrificado seus filhos pelos mais variados motivos: "Matam quando o filho nasce de um sexo diferente do que que-

riam, quando a criança não tem pai ou até quando estão irritadas", contou um funcionário da Funai.

O funcionário contou que presenciou alguns assassinatos de crianças, entre eles o de um nenê caiabi, cuja mãe morreu no parto. "O pai enrolou a criança e enterrou junto com a mãe, porque disse que a criança tinha espírito ruim", revelou o funcionário da Funai. Em outro caso, o funcionário estranhou que uma índia suia, grávida, de repente estava sem a barriga. "Ela apenas disse que a criança nasceu e morreu, mas depois ficamos sabendo que matou o filho porque o bebê não tinha

um pai e ela não queria criá-lo sozinho", disse o funcionário.

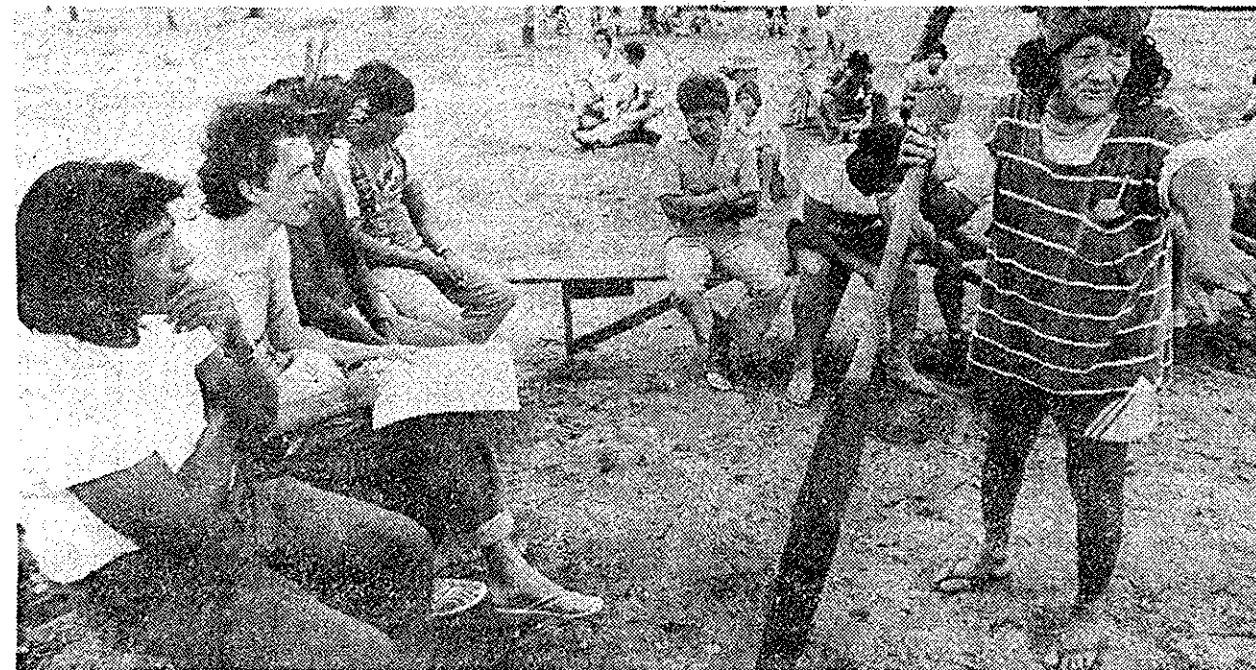
Para evitar essa onda crescente de crianças mortas — calcula-se que uma em cada três crianças nascidas no Xingu seja sacrificada —, o vice-administrador do parque, Mairawe caiabi reuniu-se na semana passada com lideranças de todas as tribos, menos os crenacarores e txucarramães, que não têm tradição de sacrificar crianças. Mairawe disse que está havendo uma onda de assassinatos e que isso não pode ser considerado tradição indígena. Repreendeu ainda um cacique juruna, cuja filha havia sacrificado o filho recentemente.



Crianças crenacarore: aldeia superpovoada



Mãe suia: o costume de matar os filhos aumenta



Cacique Prepori: votos pedidos para seus candidatos para a chefia do posto de Diauarun

Tribos escolhem chefe único

Apenas cinco índios em todo Parque Nacional do Xingu votaram, para eleger o novo presidente do Brasil. Apesar de ser permitido, a maioria não possui documentos. Além disso, a cidade mais próxima onde houve urnas, São José do Xingu, está até a dois dias de barco de algumas aldeias. Isso não quer dizer, contudo, que a democracia não tenha chegado ao Xingu.

Em 1984, eles elegeram o primeiro administrador índio para o parque, Megaron Txucarramãe, que está até hoje no comando. Foi Megaron, justamente, o continuador do processo democrático. Na semana passada ele conduziu pessoalmente a eleição do novo chefe do Posto Indígena do Diauarun, no Médio Xingu,

onde quatro tribos recebem assistência — os juruna, caiabi, suia e crenacarore.

Cada uma das lideranças das quatro tribos, reunidas sob uma mangueira no posto do Diauarun, escolheu dois entre seis candidatos para ocupar o cargo do índio Paí Caiabi, que decidiu morar em Brasília. Antes de cada um anunciar em voz alta quem queria, entretanto, o mais velho cacique do Xingu, Prepori Caiabi — que calcula ter 90 anos — disse o que achava de cada um dos candidatos. Sua opinião foi respeitada, os dois índios preferidos por ele acabaram eleitos.

Seguindo a tradição dos brancos, o novo chefe do posto foi eleito numa votação em

dois turnos. Na segunda fase, pela primeira vez na história do Xingu, as mulheres dos líderes votaram. Acanhadas, elas vinham uma a uma e abraçavam o candidato que preferiam. Era essa forma de votar sem precisar dizer uma palavra. Depois de escolhido, com maioria absoluta, o cacique Javari Caiabi, da aldeia Tuiaararé, todas as tribos foram festejar. Houve carne de macaco e iowossi, uma dança típica dos Caiabi. Missão cumprida, o cacique Megaron Txucarramãe embarcou no Seneca rumo a Brasília. Quando viu seu povo lá embaixo, acenando, novamente sonhou em ver criado um dia o Estado do Xingu, um Estado brasileiro como os outros, habitado somente por índios.